

O papel da foto: um relatório sobre as atividades do projeto de extensão com base em "Olhares negros: raça e representação" e "Ensinando a transgredir", de bell hooks¹.

Carlos Vínicius Quirino de Araújo²
Carlos Henrique Souza da Conceição³
Carolina de Vasconcelos Costa⁴
Laura Marques Gomes da Silva⁵
Steffany Caroline de Macedo Pimenta⁶
Leandro Pimentel Abreu⁷

Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ

Resumo

Este artigo apresenta as atividades do projeto de extensão “O Papel da Foto”, desenvolvido pelo Laboratório de Fotografia da UERJ. O projeto oferece aulas práticas de fotografia com abordagem crítica para alunos de regiões periféricas do Rio de Janeiro. Baseado nas obras de bell hooks, busca desconstruir estereótipos raciais e promover novas formas de representação. As oficinas, realizadas em escolas públicas e na universidade, incentivaram os participantes a refletirem sobre os usos hegemônicos da imagem e a produzirem suas próprias representações. O projeto visa a formação de uma comunidade pedagógica voltada para a transformação social, apoiado nos ideais de uma educação libertadora. Os encontros estimularam o debate sobre raça e identidade, com resultados de impacto positivo na visão crítica dos alunos sobre a fotografia.

¹ Trabalho apresentado na IJ07 – Comunicação, Espaço e Cidadania, da Intercom Júnior – 19ª Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do 48º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação

² Estudante de Graduação, 8º semestre, do Curso de Jornalismo da Faculdade de Comunicação Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ, e-mail: carlos.vinicius713@gmail.com

³ Estudante de Graduação, 7º semestre, do Curso de Jornalismo da Faculdade de Comunicação Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ, e-mail: carloshenriqueonija@gmail.com

⁴ Estudante de Graduação, 8º semestre do Curso de Jornalismo da Faculdade de Comunicação Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ, e-mail: carolinavcsta@gmail.com

⁵ Estudante de Graduação, 8º semestre, do Curso de Jornalismo da Faculdade de Comunicação Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ, e-mail: lauramarques.gs@gmail.com

⁶ Estudante de Graduação, 7º semestre, do Curso de Jornalismo da Faculdade de Comunicação Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ, e-mail: pimentasteffany@gmail.com

⁷ Orientador do trabalho e professor do Curso de Jornalismo da Faculdade de Comunicação Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ, e-mail: pimenteleandro@hotmail.com

Palavras-chave: representação; fotografia; educação libertadora; comunidade pedagógica; narrativa alternativa.

1. Introdução

O projeto de extensão "*O Papel da Foto*" surge como iniciativa crucial para a *reflexão sobre representação, identidade e memória* através da fotografia. Utilizando as análises da escritora estadunidense bell hooks (1952-2021) em duas de suas obras mais importantes "*Olhares Negros: Raça e Representação*" (hooks, 2019) e em "*Ensinando a Transgredir: A Educação como Prática da Liberdade*" (hooks, 2017). O projeto busca desconstruir narrativas que foram, secularmente concebidas a partir da ótica colonial racista presente em espaços periféricos, pretendendo assim delinear novas práticas de vivências que coloque o sujeito não branco como protagonista de sua própria história, valorizando assim a visão de mundo.

Centrado na utilização de *arquivos pessoais de retratos de família* e no desenvolvimento de um conhecimento aprofundado dos *fundamentos da fotografia*, o projeto visa resgatar e ressignificar a *fotografia analógica*, além de capacitar os participantes na *produção de imagens com câmeras artesanais (pinholes)* e na *criação de fotolivros ou fotofilmes*.

A proposta central é agir em colaboração com turmas e professores de escolas públicas em áreas periféricas do Rio de Janeiro, como em Duque de Caxias, município da Baixada Fluminense. *A produção de memórias sociais e arquitetônicas* das comunidades onde os estudantes e os espaços de ensino estão inseridos, é fundamentalmente importante quando se pensa em uma educação humana e libertadora, ou seja, uma prática educacional que enxergue os estudantes (e seus respectivos espaços) como agentes sociais importantes para a construção de um local mais inclusivo e diverso, respeitando assim suas singularidades.

Em consonância com o pensamento de hooks, a ambição maior deste projeto, é que, a partir dessa experiência, *surja uma narrativa alternativa aos discursos hegemônicos que tratam das periferias*, especialmente aquelas construídas sobre corpos negros e indígenas, conectando os trabalhos desenvolvidos com as perspectivas

poético-políticas contemporâneas e contando com a colaboração de artistas, pesquisadores e professores convidados.

O projeto busca, assim, promover uma *rebeldia negra e uma tomada de consciência sobre os processos de subjetivação forjados pela imagem e pelo imaginário social colonizador*, conforme proposto por hooks, com uma ênfase particular na *construção de uma comunidade pedagógica* que estimule a troca de saberes e o engajamento crítico, como detalhado no livro "Ensinando a Transgredir".

2. Referencial teórico

2.1 Educação libertadora

Paulo Freire (1967; 1970) propõe que uma educação libertadora deve ser construída através do encontro e da troca entre alunos e professores, de modo que o conhecimento gerado nessa ação seja dialógico e compartilhado, não imposto. Freire defende que a aprendizagem é um ato político, que pode libertar ou oprimir, portanto ela deve partir da realidade e da experiência concreta dos estudantes, para que desse modo permita que os alunos possam refletir criticamente sobre o mundo e suas condições de existência.

O conceito é retomado por bell hooks (2017), que aprofunda e ressignifica o termo proposto por Paulo Freire, o direcionando para recortes de raça, gênero e classe. Desse modo, hooks afirma que o conhecimento tradicional privilegia apenas o conteúdo transmitido e inviabiliza vozes periféricas, por conta disso, defende que “trazer nossas experiências para a sala de aula é vital se quisermos tornar o ensino libertador” (hooks, 2017, p.26).

2.2 Comunidade pedagógica

O conceito de comunidade pedagógica é retratado por hooks (2017) através do reconhecimento da sala de aula como um espaço repleto de possibilidades, em que a educação assume uma função que vai além do conteúdo transmitido e cria uma *comunidade de aprendizagem*, onde existe uma troca de conhecimento e um engajamento coletivo com o pensamento crítico. O ensino não é mais hierarquizado,

agora está comprometido com a prática da liberdade, e por conta disso, é capaz de promover uma conscientização crítica coletiva que desafia os sistemas opressivos que moldam o conhecimento tradicional.

2.3 Narrativa alternativa

Angela Davies (1981) aborda a importância da construção de narrativas alternativas ao analisar como as narrativas dominantes são excludentes e privilegiam um certo grupo social em detrimento de outro, sobretudo quando examina o movimento feminista tradicional e sua relação de apagamento das experiências vividas por mulheres negras e pobres. As narrativas alternativas são trabalhadas para abrir um espaço de escuta para retratar as lutas dessas mulheres marginalizadas, e se torna uma ferramenta que critica e impede que mais vozes e histórias possam ser silenciadas.

O conceito é apropriado por hooks (2017), para retratar a ruptura com discursos hegemônicos, que são responsáveis por apagar historicamente vozes de pessoas periféricas, e também a criação de um espaço de *autorrepresentação*, que parte do processo de aprendizagem coletiva em uma comunidade pedagógica.

3. Objetivos

"O Papel da Foto" delineou um conjunto de objetivos multifacetados que visam capacitar os participantes e promover uma *leitura crítica e criativa da imagem*, ecoando as preocupações de bell hooks sobre o poder da representação e a prática da liberdade na educação:

- a) *Desenvolver a percepção da imagem* como modalidade de expressão, com foco particular na fotografia, compreendendo-a como um instrumento de poder e transformação, e não apenas de registro;
- b) *Analisar os usos hegemônicos da imagem* por meios corporativos e mídias sociais, apontando alternativas de existência em uma estrutura neocolonial. Aqui, o projeto se alinha diretamente à crítica de hooks sobre como a cultura

-
- mediática contemporânea perpetua estereótipos e dissimula as dimensões raciais e sexuais;
- c) *Construir narrativas* por meio de fabulações com fotografias existentes e produzidas, buscando criar "outras imagens, outros imaginários políticos que possam romper com a supremacia branca capitalista que dominou o Ocidente" (hooks, 2019, p. 19);
 - d) *Promover interações híbridas e interdisciplinares*, contribuindo para o pensamento crítico e criativo dos alunos, incentivando-os a questionar os pontos de vista e a perspectiva que recorta e orienta a visão de mundo;
 - e) *Oferecer estudo conceitual e prático* a partir de aspectos históricos e experimentais das técnicas fotográficas, compreendendo a fotografia não apenas como técnica, mas como ferramenta política;
 - f) *Debater o impacto do surgimento da fotografia* como imagem técnica e seus desdobramentos na era digital, analisando como as tecnologias influenciam a representação e a autoimagem, especialmente em comunidades marginalizadas;
 - g) *Proporcionar contato de estudantes de graduação* com alunos das escolas públicas, desenvolvendo um método de ensino de fotografia e artes visuais que seja sensível às questões de raça, gênero e classe, conforme a perspectiva interseccional de hooks, e que favoreça a *construção de uma comunidade pedagógica* onde "a aprendizagem é um processo colaborativo e recíproco" (hooks, 2017, p. 209);
 - h) *Capacitar alunos e participantes* em atividades diversas, como trabalhos de campo, pesquisas teóricas, organização de sites, diagramação de revistas e livros, e ensino, para que se tornem agentes ativos na produção e disseminação de suas próprias narrativas.

4. Metodologia

A metodologia de "*O Papel da Foto*" é concebida para promover uma *alfabetização visual e uma reflexão sobre o papel da fotografia no ambiente familiar e social*, em diálogo constante com as ideias de bell hooks sobre o "olhar opositor" e a "educação

como prática da liberdade". Para tanto, propõe exercícios que facilitam a compreensão da construção de uma imagem fotográfica e seu uso em narrativas.

A investigação da prática do retrato de família e da fotografia em geral serve como eixo para a construção de memórias, narrativas e histórias, explorando as micropolíticas do léxico familiar e da identidade individual/coletiva. A proposta é, segundo hooks, "mudar coletivamente o modo como olhamos para nós mesmos e para o mundo" (hooks, 2019, p. 25), possibilitando a emergência de novas representações. A abordagem pedagógica integra *fruição, contextualização e fazer artístico* em narrativas fotográficas, desdobrando-se em três eixos principais:

- 1) *Aprendizado dos fundamentos da fotografia*: Inclui a *construção de câmeras de visualização, a produção de fotografias pinhole* e o uso de telefones celulares para captação de imagens. A ênfase é na compreensão do processo criativo e técnico, que permite aos participantes não apenas consumir, mas também produzir imagens com autonomia, fundamentando a capacidade de autodefinição visual;
- 2) *Resgate e análise dos retratos de família*: Foca na percepção do *retrato fotográfico como rito* que legitima e documenta a construção do imaginário familiar. Este eixo é crucial para a reflexão sobre as representações históricas e a subjetividade negra, pois, como hooks aponta, é fundamental que as pessoas negras documentem suas histórias para que se compreenda "a complexidade e a diversidade de experiências das mulheres negras" (hooks, 2019, p. 126). Envolve também a *criação de autorretratos fotográficos* a partir de vivências e discussões sobre identidade, estimulando a construção de uma autoimagem pessoal que desafie as visões estereotipadas e promova a autoaceitação;
- 3) *Produção de fotolivros/fotofilmes*: Combina retratos de família com fotografias de ambientes e pessoas da comunidade. Aborda noções de *diagramação analógica* (colagem, *fanzine*) e *digital* (*Indesign* e similares), *encadernação artesanal e publicação independente* (impressa e online, com criação de site e *e-books*). Nesta etapa, a intenção é oferecer aos participantes as ferramentas para que suas narrativas visuais ganhem voz e visibilidade, intervindo radicalmente na forma como se fala de raça e representação, conforme a visão de hooks, e

fortalecendo a *construção de uma comunidade pedagógica* onde os saberes são compartilhados e as vozes silenciadas são amplificadas (hooks, 2017, p. 209). Avaliações contínuas acompanham os processos de criação, tanto individuais quanto coletivos, focando na aplicação de conceitos para a construção de discursos narrativos em linguagens fotográficas analógicas e digitais.

5. Resultados

Os resultados do projeto "O Papel da Foto" foram materializados por meio de diversas atividades e oficinas, realizadas com alunos que, em sua maioria, *nunca haviam tido contato prévio com a fotografia*. Essas intervenções ocorreram em *instituições de ensino localizadas em áreas periféricas da cidade do Rio de Janeiro*, visando a democratização do acesso ao conhecimento fotográfico e a valorização das narrativas locais, conforme a proposta de uma "pedagogia engajada" (hooks, 2017). Foram realizados:

- *Oficina de câmera de visualização produzida no Dia da Consciência Negra no Colégio Estadual Ernesto Faria, na Mangueira*: Esta oficina, realizada em uma data de grande significado cultural, permitiu aos alunos da Mangueira, uma comunidade historicamente relevante e periférica do Rio de Janeiro, o contato inicial com os princípios de formação da imagem, utilizando uma ferramenta acessível e instigante. Durante a oficina, além das técnicas básicas de manuseio da câmera e enquadramento, os alunos foram instigados a *treinar seu olhar crítico* sobre as imagens que os cercam, compreendendo como a fotografia pode ser uma *forma de resistência* e de redefinição de suas próprias narrativas em um contexto de representações muitas vezes estereotipadas.
- *Oficina de fotografia artesanal na Escola Municipal Leonel Azevedo, na Ilha do Governador*: Nesta oficina, os participantes da Ilha do Governador, outra área periférica do Rio de Janeiro, tiveram a oportunidade de experimentar a criação de imagens com câmeras *pinhole* (feitas com latas e papel fotográfico), seguida da revelação em laboratório químico. Para além da técnica, a atividade enfatizou como a simplicidade dos recursos pode gerar imagens poderosas, estimulando os

alunos a desenvolverem um *olhar crítico* sobre a produção imagética e a perceberem a fotografia como um *potencial instrumento de resistência* contra discursos dominantes, ao permitir que contassem suas próprias histórias a partir de suas perspectivas.

- *Oficina de criação colaborativa de fotolivros no Labfoto UERJ*: Realizada no espaço universitário, esta oficina reuniu participantes das comunidades visitadas, permitindo a consolidação dos trabalhos individuais e coletivos. A criação de fotolivros, uma ferramenta de organização narrativa e de publicação independente, possibilitou que as histórias e memórias resgatadas ganhassem forma e se tornassem acessíveis, reforçando o poder da fotografia como meio de expressão e afirmação cultural para as comunidades periféricas e solidificando a *comunidade pedagógica* construída ao longo do projeto. Os alunos foram instruídos a organizar suas imagens de modo a construir narrativas que refletissem suas realidades e anseios, transformando a fotografia em uma *ferramenta de resistência* ativa.

Além das oficinas, outros resultados importantes foram alcançados:

- *Criação e publicação de fotolivros e fotofilmes* a partir dos retratos de família resgatados e de fotografias produzidas pelos participantes, constituindo novas representações e narrativas que desafiam o *status quo*.
- *Empoderamento da população periférica*, valorizando a história da comunidade e a ancestralidade de seus moradores, cuja maioria tem origens africanas e indígenas. Isso se concretiza na prática do "amar a negritude como fórmula de descolonização do olhar" (hooks, 2019, p. 15).
- *Resgate e ressignificação de fotografias analógicas* que corriam o risco de deterioração ou descarte, revalorizando a memória visual e a contribuição histórica dessas imagens.
- *Estímulo ao desenvolvimento de uma leitura crítica das imagens* que circulam nos meios de comunicação e nas redes sociais, capacitando os participantes a questionar as formas de representação e a identificar as estruturas de poder subjacentes.

-
- *Publicação nas redes sociais do Labfoto UERJ* de fotografias e textos dos processos produzidos, documentando o desenvolvimento e as itinerâncias do projeto, ampliando o alcance das vozes que emergem da periferia.
 - *Realização de exposições de fotografias* no Labfoto, ampliando o alcance e a visibilidade dos trabalhos e promovendo um espaço para o "olhar opositor".
 - *Organização de encontros com artistas, críticos e profissionais da fotografia*, além de pensadores ligados aos temas do projeto, promovendo a troca de conhecimentos e experiências que enriquecem o debate sobre raça, representação e cultura visual, fundamentais para a "prática da liberdade" na educação.

6. Conclusão

O Papel da Foto demonstra ser um projeto de extensão de profundo impacto social e cultural, pautado pelas instigantes reflexões de bell hooks. Ao unir o aprendizado técnico da fotografia com a valorização das narrativas pessoais e comunitárias, o projeto não apenas capacita os participantes em novas habilidades, mas também promove a *construção de identidades, o resgate de memórias e o desenvolvimento de um senso crítico* frente aos discursos visuais hegemônicos.

A ênfase na produção de narrativas alternativas e na visibilidade das periferias ressalta a relevância do projeto em um contexto social complexo, contribuindo para a *democratização do acesso ao conhecimento fotográfico e para a produção de um imaginário mais inclusivo e representativo*, que desafia as amarras da dominação e celebra a diversidade de "olhares negros".

A *construção de uma comunidade pedagógica*, conforme defendido por hooks, foi um pilar fundamental para o sucesso das atividades, criando um ambiente de respeito mútuo e aprendizado engajado que transcendeu a sala de aula e se expandiu para as comunidades atendidas, consolidando a fotografia como uma poderosa *ferramenta de resistência e transformação social*.

Referências

DAVIS, Angela Y. **Mulheres, raça e classe**. Tradução de Maria Helena Martins. São Paulo: Boitempo, 2018.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. 24. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2022.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 70. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2021.

HOOKS, bell. **Ensinando a Transgredir: A Educação como Prática da Liberdade**. Tradução Alexya Salvador. São Paulo: Martins Fontes, 2017.

HOOKS, bell. **Olhares Negros: Raça e Representação**. Tradução Stephanie Borges. São Paulo: Elefante, 2019.